

Museu da Infância nas escolas: universidade comunitária em diálogo cultural com estudantes e professores

Children's Museum in Schools: Community University in cultural dialogue with students and teachers

Tamile Baesso Hobold
Graduanda em
Psicologia. Universidade
do Extremo Sul
Catarinense – Unesc.
E-mail:
tamilehobold@unesc.net



**Amalhe Baesso
Reddig**
Doutoranda em
Educação. Universidade
do Extremo Sul
Catarinense – Unesc.
E-mail: abr@unesc.net



Resumo: O presente artigo tem como objetivo geral socializar os resultados do projeto de extensão “Museu da Infância nas Escolas”, da Universidade do Extremo Sul Catarinense/UNESC. As ações foram desenvolvidas no Território Paulo Freire I, que abarca a região da grande Santa Luzia, no município de Criciúma/SC. Nesse território, realizamos o diálogo com oito (8) escolas públicas, contemplando dez (10) turmas, no período de 2024/2 a 2026/1. O referencial teórico é caracterizado pela perspectiva freireana de extensão como comunicação e troca de saberes. Assim, os dados coletados evidenciam o processo de mediação, as falas e expressões das crianças sobre o conceito de museu, o brincar e a relação com a natureza. Os resultados evidenciam que, quando escutadas com atenção, as crianças revelam modos de brincar e de compreender o mundo que enriquecem e desafiam as práticas educativas tanto da escola quanto do museu.

Palavras-chave: Museu da Infância; criança; escola; brincar; educação ambiental.

Abstract: This article aims to present the results of the extension project “Children’s Museum in Schools,” developed by the University of Southern Santa Catarina (UNESC). The activities were carried out in the Paulo Freire I Territory, which covers the Greater Santa Luzia region, in the municipality of Criciúma, Santa Catarina, Brazil. In this territory, we engaged in dialogue with eight (8) public schools, reaching ten (10) classes, from 2024/2 to 2026/1. The theoretical framework is characterized by the Freirean perspective of extension as communication and exchange of knowledge. Thus, the collected data highlight the mediation process, the children’s statements and expressions about the concept of the museum, play, and the relationship with nature. The results show that, when carefully listened to, children reveal ways of playing and understanding the world that enrich and challenge educational practices both in schools and in museums.

Keywords: Children’s Museum; child; school; play; environmental education.

DOI: <https://doi.org/10.18616/rsp.v10i1.10759>

Recebido: 25-05-2026

Aprovado: 12-06-2026

1 Introdução

No contexto de uma Universidade Comunitária, a extensão constitui-se como pilar importante, devido ao compromisso de fortalecer o vínculo com a comunidade na troca de conhecimentos e saberes que promovem a ampliação da realidade de vida das pessoas. As reflexões apresentadas neste estudo emergem do projeto de extensão “Museu da Infância (MI) nas escolas”, que foi desenvolvido em um território específico, o Território Paulo Freire I, situado na região da grande Santa Luzia, com forte vínculo com a Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC.

Nesse território, identificamos oito (8) escolas públicas municipais, contemplando dez (10) turmas, que atendem a etapa do Ensino Fundamental. Sendo que o público alvo do projeto foram, especialmente, crianças de 6 a 10 anos, na intenção de despertar reflexões sobre os museus, seus acervos e a continuidade do processo histórico naquilo que vivemos cotidianamente. Desta forma, o presente artigo socializa os resultados do projeto supracitado, desenvolvido em escolas públicas do município de Criciúma no período de 2024/2 a 2026/1.

O contato com as escolas, para o agendamento, foi realizado por meio de ligações telefônicas e troca de mensagens pelo aplicativo WhatsApp. Já nesse primeiro contato sentimos a receptividade das escolas, representadas por suas diretoras e coordenadoras que demonstraram interesse em participar do projeto e acolher a visita da equipe na escola. Na visita em cada escola, executamos um planejamento que mobilizou: a **exibição de um vídeo**, que apresentava, de forma lúdica, os espaços expositivos e a proposta educativa do museu; apresentação da mostra itinerante do MI; **roda de conversa** na qual as crianças compartilharam suas brincadeiras favoritas e suas percepções sobre o museu e a **contação da história** O dono da bola, de Ruth Rocha, apresentada por meio de um teatro de palitoches.

Nessa intervenção, também discutimos a importância de brincar na e com a natureza — e não apenas com brinquedos industrializados ou por meio de telas, como computadores e celulares. Essa escuta sensível e o incentivo à participação ativa buscam valorizar as experiências e linguagens próprias da infância, reconhecendo as crianças como sujeitos capazes de “transformar o mundo através de sua ação, captar a realidade e expressá-la por meio de sua linguagem criadora” (Freire, 2015, p. 107). Ao final de cada encontro as escolas foram presenteadas com o jogo de tabuleiro Corrida no Museu e uma bola de meia, relacionada à narrativa e ao acervo do museu. Assim como, também foi possibilitada a continuidade da exposição da Mostra Itinerante na escola por mais alguns dias, possibilitando que outros

professores e estudantes também tivessem a oportunidade de conhecer parte do acervo do MI ali representado.

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa de natureza descritiva, desenvolvida na modalidade de relato de experiência extensionista. A escolha pela abordagem qualitativa justifica-se por possibilitar a compreensão das percepções, experiências e significados atribuídos pelas crianças às temáticas abordadas durante as intervenções. Conforme Minayo (2014), a pesquisa qualitativa trabalha com o universo dos significados, valores, crenças e interpretações construídas pelos sujeitos em seus contextos de vida, buscando compreender fenômenos que não podem ser reduzidos a dados numéricos. Os dados foram produzidos ao longo das visitas realizadas nas oito escolas participantes, que envolveram aproximadamente 313 crianças distribuídas em dez turmas. Os registros foram elaborados pelas bolsistas após cada intervenção, a partir das observações, diálogos e situações consideradas significativas durante as atividades desenvolvidas. Não foi utilizado roteiro estruturado de observação, privilegiando-se aspectos que chamaram a atenção da equipe ao longo dos encontros. As falas apresentadas neste artigo correspondem a registros reconstruídos pelas mediadoras a partir das anotações realizadas após as intervenções, buscando preservar os sentidos expressos pelas crianças durante os encontros. As identidades das crianças foram preservadas, assim como os nomes das escolas, identificadas ao longo do texto como Escola 1, Escola 2 e assim sucessivamente.

Os próximos subtítulos desenvolvem os objetivos específicos do artigo, a saber: Apresentar teoricamente o conceito de extensão, segundo Paulo Freire, como movimento de comunicação e troca de saberes entre universidade e comunidade; problematizar as escolhas metodológicas do projeto e seu potencial na conscientização sobre a importância dos museus, em especial o Museu da Infância, situado na Universidade do Extremo Sul Catarinense; analisar as expressões infantis durante as intervenções do projeto, formulando interpretações possíveis sobre seus modos de brincar e viver na escola e fora dela.

2 Universidade Comunitária, Extensão e as Escolas da Comunidade do Território Paulo Freire I

Comunidade e academia se misturam, se interpelam e se transformam mutuamente. É nesse intuito que o projeto “Museu da Infância nas Escolas” foi proposto como ação de extensão vinculada ao Território Paulo Freire I, que compreende a região da Grande Santa Luzia, na cidade de Criciúma/SC.

A noção de extensão que orienta esse projeto não é a da transmissão unilateral de conhecimento. Paulo Freire (1977), ao refletir sobre o termo “extensão”, problematiza seu sentido original, que carrega implicitamente a ideia de que alguém que sabe estende seu saber a quem não sabe.

Ainda segundo o referido autor, esse modelo reproduz uma relação antidialógica, incompatível com uma educação verdadeiramente libertadora. Em seu lugar, Freire propõe a comunicação como categoria fundante da prática extensionista: uma troca de saberes, um encontro de sujeitos que, em intersubjetividade, produzem juntos novas compreensões sobre o mundo.

O autor afirma em seu livro, *Pedagogia do Oprimido*, que o movimento de aprender não reside nem no ator isolado, nem apenas em atores no plural, “mas em atores em intersubjetividade, em intercomunicação” (Freire, 1984, p. 162). É essa perspectiva que fundamentou nossas escolhas metodológicas e a postura das bolsistas e mediadoras do projeto junto às escolas da Grande Santa Luzia. Trata-se de um território marcado por uma realidade sociocultural específica, cujas crianças e educadores muitas vezes não têm acesso facilitado às instituições culturais universitárias.

A distância entre a escola pública e o museu não é apenas geográfica, ela é também simbólica, produzida por uma longa tradição de separação entre o saber escolar, o saber comunitário e o saber museal. Reconhecemos essa distância como um dado de realidade a ser enfrentado e não ignorado. É nesse contexto que a Mostra Itinerante do Museu da Infância (MI) surge como estratégia de aproximação e democratização.

O Museu da Infância, concebido em 2005 por professores do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNESCO, caracteriza-se por uma composição de núcleos expositivos dispostos em espaços abertos do campus universitário, numa proposta de museu sem paredes. Seus dois espaços expositivos: Espaço Expositivo 1 e Espaço Expositivo 2, estão distribuídos pelo campus. A Mostra Itinerante, composta por dez banners com peças do acervo do MI, leva às escolas públicas da Grande Santa Luzia imagens, objetos e narrativas sobre a infância, brinquedos, expressões artísticas infantis, elementos da cultura escolar, possibilitando que estudantes, professores e gestores escolares entrem em contato com esse acervo mesmo sem deslocar-se até a UNESCO.

A relação entre museu e escola, nessa perspectiva, não se configura como uma visita pontual ou uma atividade de passagem. O reconhecimento do contexto escolar foi realizado

durante as próprias visitas de intervenção, observando os espaços, conversando com as equipes gestoras e, sobretudo, dialogando com as crianças, compreendendo suas percepções sobre a escola, a cidade e os espaços de brincar e aprender.

Essa escuta ativa é coerente com a concepção freireana de que o ponto de partida de qualquer ação educativa deve ser a leitura crítica da realidade vivida pelos sujeitos envolvidos. Ao investigarmos o que as crianças da Grande Santa Luzia trazem consigo, suas marcas históricas, suas formas de brincar, seus modos de estar no mundo, abrimos possibilidade para que as intervenções da Mostra Itinerante se tornassem verdadeiros diálogos e não apenas apresentações.

Assim, a extensão universitária, compreendida à luz da teoria freireana e praticada por uma universidade comunitária como a UNESCO, manifesta-se nos movimentos de idas e vindas entre o campus e o território, o museu vai à escola e também aprende com ela. Os saberes acumulados pelo Museu da Infância sobre as diferentes concepções de infância encontram, nas escolas da Grande Santa Luzia, saberes vivos sobre como as crianças de hoje brincam, sonham e produzem cultura. Esse encontro é transformador não apenas para as crianças atendidas, mas também para a equipe universitária envolvida, que se reinventa ao ultrapassar seus muros.

3 O Museu da Infância e o diálogo com os estudantes e professores das escolas visitadas

Quando a equipe do MI realizou o deslocamento da Universidade para as escolas carregamos nossos materiais (banners, brinquedos, histórias...) e expectativas pelo encontro com as crianças. É nesse instante no encontro entre o acervo museal e a experiência vivida de cada criança que a mediação educativa se tornou, de fato, um diálogo no sentido freireano do termo, isto é, um ato de criação partilhado entre sujeitos que se reconhecem como portadores de saber.

O Museu da Infância é um espaço importante para a mediação cultural e pedagógica, ao promover o diálogo entre memória, identidade e educação de maneira sensível e significativa. O museu amplia suas possibilidades de atuação e fortalece a articulação entre diferentes espaços educativos, contribuindo para a construção de uma aprendizagem mais contextualizada e socialmente situada.

Nessa perspectiva, conforme destaca Freire (1996, p. 25), o processo educativo deve estar intrinsecamente relacionado à realidade dos sujeitos, valorizando seus saberes prévios e suas experiências, ao mesmo tempo em que promove a construção ativa, crítica e reflexiva do conhecimento.

A provocação inicial para o diálogo com as crianças foi realizada pelas mediadoras: *Para vocês, o que é um museu? Alguém já esteve em um museu?* As respostas das crianças de diferentes escolas revelaram um imaginário rico e heterogêneo sobre “o que é” e “o que poderia ser” uma instituição museológica.

Na Escola 1, os estudantes responderam que esperavam encontrar coisas antigas, coisas valiosas, fósseis de dinossauro, coisas que foram do passado e ossos de animais. Na Escola 2, as respostas caminharam em direção semelhante: é um lugar que tem um monte de coisas antigas, tem coisas lendárias, podemos encontrar esculturas. Uma criança descrita em nossos registros como “o menino imigrante” acrescentou, com sua lógica própria: “tem huesos” (ossos).

Esse imaginário, longe de ser ingênuo, revela que as crianças chegam à mediação com teorias sobre o mundo, construídas a partir de suas vivências culturais, dos filmes que assistem, das histórias que ouvem. O papel das mediadoras não é corrigir essas teorias, mas colocá-las em diálogo com o que o acervo tem a oferecer. “A imaginação da criança não é menos elaborada que a do adulto; ela opera com os elementos que a criança tem disponíveis em sua experiência cultural, transformando-os e combinando-os de formas criativas.” (Vygotsky, 2009, p. 27).

A partir das experiências relatadas pelas professoras, evidencia-se que a presença do museu no ambiente escolar despertou nas crianças um intenso envolvimento, marcado por entusiasmo, curiosidade e participação ativa. Os estudantes demonstraram interesse constante durante as atividades, realizando questionamentos, expressando surpresa, rindo e interagindo de forma espontânea, especialmente nos momentos de contação de histórias. Esse engajamento reforça a relevância de práticas pedagógicas dinâmicas, lúdicas e significativas, que favoreçam o protagonismo infantil e a construção coletiva do saber. Tal compreensão dialoga com Kramer (2007), ao enfatizar a importância de reconhecer a criança como sujeito ativo no processo educativo.

Abaixo apresentamos imagens de alguns dos banners da Mostra Itinerante que serviram para guiar os encontros e depois ficaram em exposição nas escolas para que outros estudantes também pudessem conhecer. Evidenciamos aqui banner contendo imagens de peças do acervo tais como bolas, carrinhos, pelúcias, bonecos, objetos escolares, peças produzidas por indígenas, banner de brinquedos com elementos da natureza, brincadeiras, jogo de tabuleiro: Corrida para o Museu (todas as escolas receberam esse jogo e bolas de meia de presente).

Figura 1 - Imagens do Mostra Itinerante do Museu da Infância



Fonte: Museu da Infância (UNESC).

Na observação dos banners que compõem a Mostra Itinerante as crianças, de modo geral, tinham a habilidade de relacionar coisas do seu cotidiano, coisas das quais gostam, com o que está no museu. Esse é, em essência, o movimento que a educação museal freireana propõe: não a contemplação passiva de objetos, mas a produção de sentidos a partir do encontro entre o acervo e a história de vida de quem o visita.

Outro aspecto de grande relevância refere-se à possibilidade de estabelecer relações entre passado e presente, elemento fundamental para a formação de uma consciência histórica desde os primeiros anos de vida. De acordo com Halbwachs (2003, p. 51), “a memória é uma construção coletiva, sendo essencial para a compreensão da identidade dos sujeitos em seus contextos sociais.” Nesse sentido, ao valorizar as memórias da infância, o museu contribui para que as crianças compreendam diferentes modos de viver, ampliando suas percepções sobre o tempo, a cultura e as transformações sociais.

Essa experiência também favoreceu o desenvolvimento de valores como respeito, empatia e reconhecimento da diversidade, ao possibilitar o contato com distintas formas de viver a infância ao longo da história. As professoras das turmas visitadas também participaram desse processo compondo relatos das suas memórias de infância. Assim, presenciamos momentos significativos de trocas intergeracionais, em que as professoras contaram a seus alunos histórias do tempo em que eram crianças também.

Na Escola 2, uma professora demonstrou nostalgia ao ver no banner da mostra itinerante a imagem de um pianinho vermelho semelhante ao que marcou sua própria infância, evidenciando que o potencial afetivo do acervo atravessa gerações e abre espaço para que educadores também se reconheçam como sujeitos de uma história. Esse envolvimento emocional das professoras importa: quando a docente é tocada pela experiência, ela se torna uma interlocutora mais presente nas discussões com as crianças, ampliando a qualidade e a profundidade do diálogo.

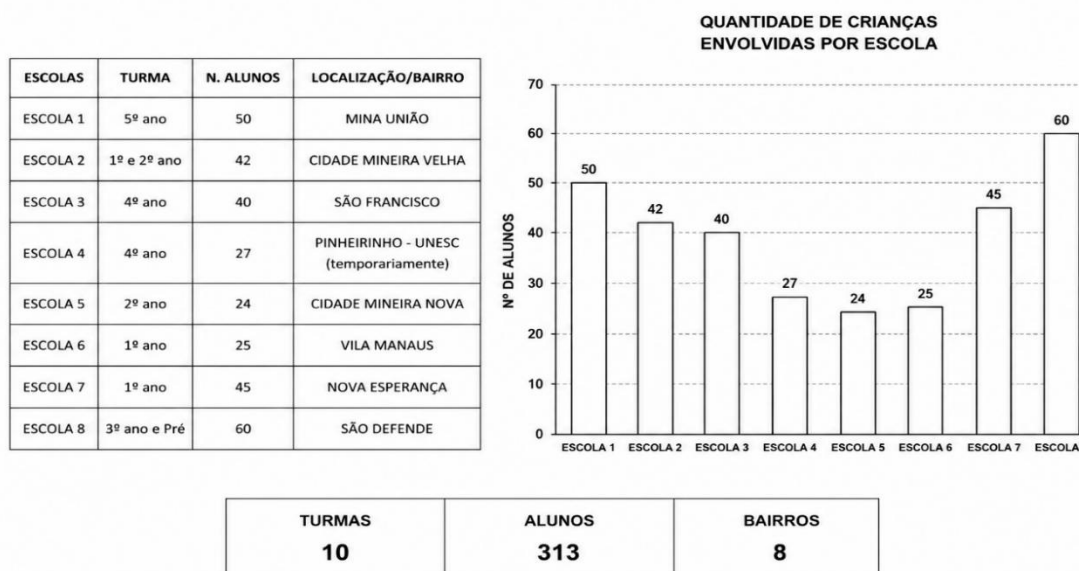
Além disso, a prática desenvolvida estimulou significativamente a criatividade e a expressão dos estudantes, transformando o espaço escolar em um ambiente de produção de sentidos, no qual as crianças puderam ressignificar experiências e construir novas narrativas. Observa-se, ainda, que a ação despertou um interesse contínuo, uma vez que algumas crianças manifestaram o desejo de visitar o museu posteriormente, evidenciando o impacto positivo e duradouro da experiência vivenciada. Esse aspecto está em consonância com as diretrizes da Política Nacional de Educação Museal (PNEM, 2017, p. 32), que reconhece “os museus como

importantes espaços educativos, capazes de democratizar o acesso à cultura, fomentar o interesse dos públicos e contribuir para processos formativos mais amplos.”

O desenvolvimento das ações do projeto também trouxe importantes aprendizados para as acadêmicas, futuras professoras, que puderam ter mais aproximação com a escola e exercitar a aplicação de um planejamento. Por exemplo, na Escola 1 identificamos a necessidade de trabalhar com turmas menores para favorecer maior aprofundamento das discussões e espaços mais amplos para circulação dos banners. Na Escola 3, a turma era muito interativa, assim foi necessário um pouco mais de calma, pois estavam em grande número de crianças e todas queriam interagir. Longe de serem falhas, essas situações evidenciam que a prática extensionista se constrói na experiência, no ajuste contínuo entre o que planejamos e o que a realidade escolar nos apresenta.

Dessa forma, a visita do Museu da Infância às escolas do território Paulo Freire I, configurou-se como uma prática pedagógica potente e significativa.

Figura 2 – Demonstrativo do alcance do projeto de extensão Museu da Infância nas Escolas



Fonte: Produzido pelas autoras (2026).

A Figura 2 apresenta um demonstrativo do alcance quantitativo do projeto, evidenciando as oito escolas participantes, contemplando dez turmas distribuídas na região da Grande Santa Luzia, município de Criciúma, e o total de crianças alcançadas pelas ações desenvolvidas ao longo do período de 2024/2 a 2026/1.

Ao proporcionar uma experiência rica, sensível e encantadora de aproximação com o passado, o museu contribui para a formação integral dos estudantes, articulando dimensões cognitivas, culturais e afetivas. Assim, consolida-se como um espaço de diálogo, memória e construção de identidades.

O que fica ao final de cada visita, porém, é da ordem do vínculo. Na Escola 2, uma criança se despediu de nossa equipe com a frase: “Tchau, a gente se vê lá no museu.” Essa fala, pequena e precisa, sintetiza o que o projeto se propôs a fazer, que não foi apenas levar o museu à escola, mas despertar nas crianças o desejo de cruzar, por conta própria, os portões de uma instituição cultural universitária que, até então, poderia lhes parecer distante. O diálogo, portanto, não se encerra com o fim da visita, ele segue vivo na imaginação das crianças, nas memórias das professoras e nos registros que produzimos ao narrar o que vimos e sentimos.

4 O que dizem as crianças sobre museus e sobre brincar na natureza

Ouvir as crianças é um ato político. Essa afirmação ganha concretude quando lemos os relatórios das visitas do projeto “Museu da Infância nas Escolas” e percebemos o quanto as falas infantis, registradas por nós com atenção e cuidado, revelam modos de ser, sentir e compreender o mundo que a escola frequentemente não alcança ou então não escuta. Francesco Tonucci (2003), ao propor que a cidade seja pensada a partir dos olhos das crianças, argumenta que elas possuem uma perspectiva própria e legítima sobre o espaço e a vida social, perspectiva essa que os adultos tendem a ignorar em nome de uma suposta racionalidade organizadora e padronizada.

A interação com as crianças no decorrer do projeto Museu da Infância nas Escolas evidenciou percepções significativas sobre o que entendem por museu e sobre a importância do brincar, especialmente em contato com a natureza. Ao longo das visitas realizadas nas escolas, foram feitas rodas de conversa que permitiram às crianças expressarem suas ideias, experiências e vivências relacionadas ao tema.

Os registros produzidos ao longo das visitas permitiram identificar alguns aspectos recorrentes nas manifestações das crianças. Um deles foi a curiosidade despertada pelos brinquedos, brincadeiras e objetos relacionados às infâncias de outras épocas. As perguntas, comentários e observações realizadas durante os encontros revelaram interesse em compreender como as crianças brincavam no passado e quais eram os brinquedos utilizados em diferentes momentos históricos. Outro aspecto observado foi a disposição das crianças para participar das rodas de conversa e compartilhar suas próprias experiências, demonstrando que,

quando encontram espaços de escuta, estabelecem relações significativas entre os temas discutidos e seu cotidiano. Também foi possível perceber que muitas crianças compreendiam o museu como um espaço distante de sua realidade, mas, ao longo das atividades, passaram a demonstrar interesse em conhecê-lo, evidenciando o potencial da aproximação entre escola, universidade e museu para ampliar o acesso aos espaços culturais.

Inicialmente ao serem questionadas sobre o que é um museu muitas crianças associaram o espaço a um local que guarda objetos antigos e memórias, algumas das falas mostraram essa compreensão, como por exemplo: “Museu é onde guarda coisas antigas”, “Tem coisas lendárias”, uma das crianças imigrantes respondeu: “Tem huesos (ossos)”. Esses enunciados não são simples equívocos a serem corrigidos, são teorias. Do ponto de vista da antropologia da criança, Clarice Cohn (2005) nos ensina que as crianças não são adultos incompletos, mas sujeitos com sistemas simbólicos próprios, que produzem sentidos ativos sobre o mundo ao seu redor. A criança que diz que o museu “tem coisas lendárias” está operando com uma categoria cultural sofisticada, a de que há objetos que guardam histórias maiores do que si mesmos. Essas falas nos mostram que, mesmo sem experiências diretas com museus, as crianças já possuem concepções construídas socialmente que se relacionam com à memória, ao tempo e à preservação cultural. Segundo Vygotsky (1991, p. 47), a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais, sendo as experiências compartilhadas fundamentais para a construção de significados.

Quando indagadas sobre suas brincadeiras favoritas na escola e em casa, surgiram diversas menções em brincar ao ar livre e em contato com a natureza, como podemos notar na fala de algumas crianças: “Eu gosto de brincar de rampinha” (descer no barranco que tem nas dependências da escola), “subir nas árvores”. Na Escola 3, as crianças relataram também fazer catavento com folha de plantas e graveto, brincar na terra, rolar na grama e usar elementos naturais para criar bonecos. Em outra escola, registramos a curiosidade das crianças ao usar regadores e ao descobrir como funciona um bilboquê que são objetos simples que provocaram maior engajamento do que muitos brinquedos industrializados e tecnológicos. Tivemos também a fala de uma das alunas que nos explicou que brinquedos não precisam necessariamente ser comprados em lojas, demonstrando uma compreensão mais ampla sobre o brincar e a criatividade. Essas manifestações reforçam a importância do brincar livre e do contato com o ambiente natural para o bom desenvolvimento infantil. De acordo com Kishimoto (2010, p.17), o brincar é essencial para o desenvolvimento da criança, pois contribui para a construção da autonomia, criatividade e relações sociais.

Na Escola 4, quando perguntamos às crianças se elas faziam parte da natureza, uma menina respondeu de forma espontânea e contundente: “Nós é ser vivo!” Essa frase merece uma pausa. Em três palavras, a criança enuncia uma compreensão ecológica que boa parte dos debates contemporâneos sobre educação ambiental leva páginas para articular: a de que o ser humano não está diante da natureza, mas dentro dela, como parte constitutiva. Tonucci (2020), ao defender o direito de brincar como necessidade fundamental da criança, argumenta que o brincar ao ar livre, em contato com materiais naturais e sem roteiro adulto, é condição para o desenvolvimento pleno da autonomia, da criatividade e do senso de pertencimento ao mundo.

É precisamente aqui que o livro *O Dono da Bola*, de Ruth Rocha, revela sua potência pedagógica como escolha metodológica para as contações de história realizadas nas escolas. A narrativa de Carlos Alberto, um menino que possui uma bola de futebol de verdade, mas que usa essa posse para impor condições e excluir quem não o agrada, coloca em cena uma tensão fundamental, a diferença entre ter um brinquedo e saber brincar. A bola só tem sentido quando circula. É então quando Carlos Alberto compreende que o valor do brinquedo reside na partilha e doa a bola ao time que se torna, de fato, ‘Caloca’ o menino que pertence de fato ao grupo. A leitura desse livro com as crianças não foi uma atividade decorativa ou aleatória. Foi uma provocação ética sobre o que significa brincar junto e sobre o papel dos objetos que inclusive os do museu na construção de memórias e vínculos que ultrapassam a propriedade individual.

As falas das crianças também revelam que elas relacionam o museu às suas próprias vivências, compreendendo-o como um espaço de memória e preservação. Essa percepção tem ligação com a concepção de Sarmiento (2004, p.373), ao afirmar que as crianças produzem culturas próprias e constroem significados a partir das interações sociais, desenvolvendo modos particulares de compreender e interpretar o mundo. Gildo Volpato (2002), ao tratar das relações entre jogo, brinquedo e brincadeira, complementa essa perspectiva ao apontar que o brincar é sempre uma atividade cultural e historicamente situada. Os brinquedos do acervo do Museu da Infância são, nesse sentido, documentos de uma época: guardam em si as marcas de como cada geração compreendeu a infância, o corpo, a rua e a imaginação. Quando uma criança de hoje manuseia um bilboquê pela primeira vez, ela não está apenas aprendendo uma brincadeira antiga está sendo convidada a habitar uma temporalidade diferente da sua, a perceber que o prazer não depende de tela ou bateria. Esse é o movimento que o Museu da Infância propõe: não a nostalgia, mas o diálogo entre tempos, entre gerações, entre modos de ser criança.

O que as crianças nos dizem, portanto, quando lhes é dado espaço para falar, é que ainda brincam, e que brincam de formas que o mundo adulto frequentemente não vê ou não valoriza.

Dizem que a natureza é delas, que os gravetos servem, que a rua tem história, que o museu guarda coisas lendárias. Dizem, com a sabedoria direta que lhes é própria, que “nós é ser vivo.” Cabe a nós da universidade, escola e museu a tarefa de escutar essas falas com a seriedade que merecem e de construir, a partir delas, práticas educativas que não domesticuem a infância, mas a celebrem em sua potência criadora.

5 Considerações Finais

Percebemos que os conceitos de museu, infância, brincar e educação ambiental, quando colocados em diálogo a partir de uma prática extensionista concreta, deixam de ser categorias abstratas e passam a habitar rostos, falas e gestos específicos. O projeto “Museu da Infância nas Escolas”, ao levar a Mostra Itinerante a oito escolas públicas, contemplando dez turmas, do Território Paulo Freire I (Grande Santa Luzia - Criciúma), não apenas democratizou o acesso ao acervo do MI, produziu encontros que revelaram o quanto a infância, quando escutada com atenção, tem a dizer sobre si mesma, sobre o brincar, sobre a natureza e sobre a memória cultural.

Ao longo das visitas realizadas nas escolas do município de Criciúma entre 2024/2 e 2026/1, observamos que a mediação educativa, quando ancorada em uma perspectiva dialógica, tal como proposta por Paulo Freire em sua concepção de extensão como comunicação, transforma o espaço escolar em território de troca genuína. O museu não chegou às escolas como portador de um saber definitivo sobre a infância. Chegou com perguntas, com brinquedos, com imagens, com histórias e as crianças responderam com suas próprias teorias, memórias e modos de estar no mundo. Esse movimento de ida e volta entre o acervo museal e a experiência vivida pelos estudantes é, em si mesmo, um resultado do projeto, não está em um relatório de indicadores, mas está vivo nos registros que produzimos ao longo do caminho.

Os resultados apontam para pelo menos três aprendizados centrais. O primeiro diz respeito ao imaginário infantil sobre o museu onde as crianças chegam às mediações com concepções próprias e culturalmente situadas sobre o que é uma instituição museológica. Essas concepções que falam de “coisas lendárias”, de “fósseis de dinossauros”, de objetos que guardam o passado, não são obstáculos a superar, mas pontos de partida para o diálogo. O segundo aprendizado se refere ao brincar, os relatos das visitas evidenciaram que as crianças das escolas públicas visitadas mantêm vivos modos de brincar marcados pela corporalidade, pela natureza e pela criação com materiais simples, modos que o acervo do Museu da Infância reconhece, valoriza e historiza. Há uma continuidade viva entre o bilboquê do acervo e o

catavento feito de graveto pela criança da escola entre o brinquedo artesanal guardado no museu e a brincadeira inventada no recreio. O terceiro aprendizado é sobre o vínculo afetivo que a experiência museal é capaz de produzir: professoras que se emocionam ao reconhecer um piano semelhante ao da sua infância, crianças que se despedem dizendo “a gente se vê lá no museu”, estudantes que passam a nomear o espaço universitário como algo que também lhes pertence.

Esses aprendizados têm implicações para além do projeto em si. Eles nos sugerem que a aproximação entre museu, escola e comunidade, quando feita com escuta ativa e respeito pela cultura local, é capaz de produzir uma educação museal que não reproduz hierarquias entre quem sabe e quem aprende, mas que se constitui como experiência partilhada de construção de sentidos. Sugerem também que a educação ambiental não precisa ser ensinada como disciplina apartada da vida, ela emerge naturalmente quando damos às crianças a palavra, pois elas já sabem, com a clareza que lhes é própria, que “nós é ser vivo.”

O projeto revelou a importância da extensão universitária como uma das principais formas de a universidade comunitária cumprir seu papel social, ultrapassando os limites físicos da instituição e estabelecendo diálogos significativos com a comunidade. Ao levar o Museu da Infância para as escolas públicas, a Unesc fortaleceu a democratização do acesso à cultura, à memória e ao conhecimento, construindo relações de troca e aprendizagem com estudantes e professores. Além disso, a experiência evidenciou a potência da educação museal ao demonstrar que o museu não precisa estar restrito a um edifício ou a um espaço expositivo para existir. O museu se faz presente onde há diálogo, memória, imaginação, afetos e encantamento. Nas escolas, os objetos, as histórias e as brincadeiras do acervo tornaram-se mediadores de encontros que possibilitaram às crianças reconhecerem suas próprias experiências e produzirem novos sentidos sobre a infância, reafirmando o museu como um espaço vivo de construção coletiva de conhecimento. Como bolsistas, a experiência também trouxe aprendizagens importantes para nossa formação docente. Participar do projeto permitiu compreender, na prática, que ensinar envolve muito mais do que dominar conteúdos teóricos. O contato direto com as crianças, professoras e diferentes contextos escolares possibilitou desenvolver nossa escuta sensível, nossa capacidade de dialogar, de adaptar as mediações às necessidades de cada grupo e de valorizar os saberes que as crianças trazem consigo. A vivência extensionista mostrou que muitos aprendizados só acontecem quando nos colocamos em relação com o outro, enfrentando situações reais que exigem sensibilidade, criatividade e reflexão constante sobre a prática. Mais do que aplicar conhecimentos construídos na

universidade, o projeto nos permitiu construir novos conhecimentos a partir dos encontros vividos, fortalecendo nossa compreensão de que a formação docente acontece de forma contínua, no diálogo entre teoria, prática e compromisso com a comunidade.

O projeto “Museu da Infância nas Escolas” deixou marcas importantes em cada escola e em cada estudante que participou das ações desenvolvidas in loco. Seguimos com a convicção de que novos espaços escolares estão abertos para receber a Mostra Itinerante e assim novas visitas acontecerão, produzindo novos relatos, novos diálogos e novos saberes. O que este artigo procurou fazer foi dar visibilidade a uma parte desse processo, mas não para concluí-lo, mas para partilhá-lo, na convicção de que socializar experiências extensionistas é também uma forma de fazer ciência comprometida com a transformação social.

Referências

- COHN, Clarice. Antropologia da criança. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- CONSIGLIO, Thiago. Paulo Freire, mediador cultural: questões para uma epistemologia da educação museal. In: CASTRO, Fernando (org.). Paulo Freire e a educação museal: dos vínculos históricos às ações para o esperar. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2022.
- FREIRE, Paulo. Ação cultural para a liberdade e outros escritos. 15. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2015.
- FREIRE, Paulo. Extensão ou comunicação? Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do oprimido. 16. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.
- HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Centauro, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS. Política Nacional de Educação Museal. Brasília, DF: Ibram, 2017.
- KISHIMOTO, Tizuko Morchida (org.). Jogo, brinquedo, brincadeira e a educação. 14. ed. São Paulo: Cortez, 2010.
- KRAMER, Sônia. A política do pré-escolar no Brasil: a arte do disfarce. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza. Pesquisa social: teoria, método e criatividade. 34. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.
- ROCHA, Ruth. O dono da bola. São Paulo: Salamandra, 2003.

SARMENTO, Manuel Jacinto. As culturas da infância nas encruzilhadas da 2ª modernidade. In: SARMENTO, M. J.; CERISARA, A. B. (org.). Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação. Porto: ASA, 2004. p. 373-408.

TONUCCI, Francesco. Com olhos de criança. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

TONUCCI, Francesco. Fratto: 40 anos com os olhos de criança. Porto Alegre: Artmed, 2008.

TONUCCI, Francesco. O Direito de brincar: uma necessidade para as crianças, uma potencialidade para a escola e a cidade. Revista Práxis Educacional, Bahia, v. 16, n. 40, p. 234-257, jul./set. 2020.

VOLPATO, Gildo. Jogo, brinquedo e brincadeira: uma perspectiva da criatividade. 2. ed. Joaçaba: Unoesc, 2002.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. Imaginação e criação na infância. São Paulo: Ática, 2009.